

RODRIGO MARIN FERREIRA

**COMPARAÇÃO ENTRE ENSINO INDIVIDUAL DE VIOLINO SÍNCRONO E
ASSÍNCRONO COM O PRESENCIAL: RESULTADOS, DESAFIOS E ANÁLISE
PRÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso

São Paulo
2023

RODRIGO MARIN FERREIRA

**COMPARAÇÃO ENTRE ENSINO INDIVIDUAL DE VIOLINO SÍNCRONO E
ASSÍNCRONO COM O PRESENCIAL: RESULTADOS, DESAFIOS E ANÁLISE
PRÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Música da Escola de Comunicações e
Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Licenciatura em música.

Orientadora: Profa. Dra Ana Luisa Fridman.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por me apresentarem a música de concerto e garantirem que eu tivesse uma boa educação, nos levando a concertos, às aulas, aos luthiers, ensaios, a consciência da importância do estudo como um todo. Se cheguei aqui, foi pelo empenho altruísta da minha mãe Márcia e do meu pai Paulo que o estudo fosse nossa prioridade na vida.

Agradeço à minha irmã, Priscila, pelas centenas de horas conversando sobre música, tocando juntos, pela companhia e ajuda em tudo, nos momentos duros, doce companhia. Ao meu cunhado, Thiago, pelas poucas mas certas palavras em cruciais momentos, como lançar um curso online de violino, que desencadeou várias coisas.

À minha esposa Thaís e meu enteado Alexis, por me ensinarem que eu posso construir uma família, que a vida adquire um sentido muito maior nisso.

Ao Jean de Oliveira pela amizade e enorme inspiração como professor, compartilhando suas experiências pedagógicas e comerciais, provavelmente o maior influenciador desse trabalho aqui.

Ao professor Paulo Egídio Lückman, as muitas conversas sobre pedagogia do instrumento, técnica de violino, reflexões sobre o ensino e nosso papel como professor, parcial e indiretamente também um mentor nos últimos anos: nas conversas privadas, aulas virtuais ou no generoso trabalho de partilhar seu conhecimento nas redes sociais.

Agradeço também à professora Ana Luisa Fridman, pela paciência e atenção na elaboração desse trabalho, e aos membros da banca, pelo apoio e avaliação neste trabalho. Bem como todos os professores do CMU.

Agradeço a dezenas de colegas que têm compartilhado suas experiências, conselhos e ideias. Tenho certeza de que ninguém constrói seu conhecimento sozinho, mas sim por esse ambiente que temos ao expor ideias aos nossos pares, nos arriscar ao julgamento, a ser questionado por aqueles que também ensinam, tocam e pensam sobre o fazer musical no dia a dia. Só tenho me tornado esse professor e esse músico graças a essas ricas experiências.

Por último, agradeço aos meus inúmeros e inumerados alunos ao longo desses mais de 20 anos ensinando violino: vocês me treinaram, me ensinaram o que funciona e o que não, me ensinaram repertório, coordenação motora, aprendizagem. Sem vocês, eu seria apenas um instrumentista que aprendeu para si. Esse trabalho de professor só existe por conta de vocês.

RESUMO

FERREIRA, Rodrigo Marin. *Comparação entre ensino individual de violino síncrono e assíncrono com o presencial: resultados, desafios e análise prática*. 2023, 36 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música) – Departamento de Música, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Resumo: Neste trabalho foi realizada uma comparação entre o ensino individual de violino síncrono e assíncrono e o ensino presencial, destacando seus objetivos, métodos, resultados e conclusões. Foi feita uma pesquisa da história do ensino a distância, tecnologias e necessidades humanas, do surgimento do “método de violino”, da relação professor e aluno ao longo da história. Foi aplicado um questionário aos alunos que tiveram experiência em ambas as modalidades para saber as suas percepções sobre cada uma das modalidades, do que mais gostaram e menos gostaram e os porquês. A partir disso, discute-se uma hipótese do porquê dessas sensações e necessidades, como a interação social e o ambiente de sala de aula. Os retornos em vídeo mostraram-se mais eficientes quando utilizados de forma objetiva e concisa, oferecendo suporte ao estudo individual. Além disso, incentivou-se a criação de grupos virtuais e encontros presenciais para promover interação e compartilhamento de experiências. O estudo em casa foi complementado pelo trabalho em aula, abordando as hierarquias das habilidades e a busca pela excelência. Tanto o ensino síncrono quanto o ensino assíncrono, assim como o ensino presencial, são eficazes, e também foi investigada se a combinação das duas últimas abordagens potencializa os resultados no aprendizado do violino ou se prejudica.

Palavras-chave: Docência virtual. Educação a distância. Educação musical. Ensino de violino. Processos de ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

FERREIRA, Rodrigo Marin. *Comparison between Individual Synchronous and Asynchronous Violin Instruction with In-Person Teaching: Results, Challenges, and Practical Analysis*. 2023, XXp. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música) – Departamento de Música, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

In this study, a comparison was made between individual synchronous and asynchronous violin instruction and face-to-face teaching, highlighting their objectives, methods, results, and conclusions. A research was conducted on the history of distance learning, technologies, and human needs, including the emergence of the "violin method" and the teacher-student relationship throughout history. A questionnaire was administered to students who had experience in both modalities to gather their perceptions, preferences, and reasons for their preferences. Based on this, a hypothesis is discussed regarding the reasons behind these sensations and needs, such as social interaction and the classroom environment. Video feedback was found to be more effective when used objectively and concisely, providing support for individual study. Additionally, the creation of virtual groups and in-person meetings was encouraged to promote interaction and the sharing of experiences. Home study was complemented by classroom work, addressing skill hierarchies and the pursuit of excellence. Both synchronous and asynchronous instruction, as well as face-to-face teaching, are effective, and the investigation also explored whether combining the latter two approaches enhances or hinders results in violin learning.

Keywords: Virtual teaching. Distance education. Music education. Violin instruction. Teaching and learning processes.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 OBJETIVOS.....	09
2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	09
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	10
4 ESTUDO DE CASO.....	15
4.1 METODOLOGIA DO CURSO MINISTRADO PELO AUTOR	15
4.2 DESCRIÇÃO DOS MODELOS DE AULA.....	17
4.3 MINHA EXPERIÊNCIA NAS MODALIDADES.....	20
4.4 ANÁLISE DE CASO COM ALUNOS.....	24
4.5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	26
5 CONCLUSÃO.....	29
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31
ANEXOS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Comecei a tocar violino porque minha família frequenta uma igreja que possui uma orquestra. Embora meu pai já dominasse o instrumento, só comecei a praticar quando ganhei um violino de presente aos 13 anos. Daí entrei na escola de música que havia na igreja e fiquei lá até estar no nível de dar aulas para os colegas.

Eu queria me aprofundar no estudo do instrumento, mas meus pais não tinham condições de pagar por aulas particulares. Fui descobrir a possibilidade de estudar no conservatório da cidade alguns anos depois, quando eu já tinha 18 anos. Durante esse período, fazia outra faculdade, Desenho industrial — projeto do produto, enquanto estudava no conservatório, mas decidi parar essa faculdade para me dedicar somente à música, também saí do estágio que fazia; entrei na orquestra jovem da cidade 8 meses depois, 5 meses depois de ter mudado de violino para viola de arco.

Comecei a dar aula com dois anos de instrumento, há 20 anos, por uma necessidade dentro da igreja. Provavelmente isso me motivou a continuar estudando para me aperfeiçoar. Durante esse tempo, dei aulas na igreja e para alguns alunos particulares, sem me posicionar como professor profissional.

Entre no conservatório municipal e comecei a melhorar bastante minhas aulas em comparação com o que fazia antes, mas ainda não havia pensado em técnicas pedagógicas no instrumento. Entrei no bacharelado em viola porque pretendia seguir como instrumentista de orquestra, mas me desmotivei em relação a essa possibilidade e a licenciatura era o que mais fazia sentido para mim, pois era a mais conectada à outra atividade que eu fazia desde há muito tempo: ensinar.

E durante 15 anos ensinando, a única modalidade que eu conhecia era a presencial. Em 2018 surgiu a oportunidade de dar aula por videochamada usando o software Skype para uma brasileira que morava na Alemanha, começando do zero: foi meio estranha a experiência porque a dinâmica da aula mudava, eu não podia olhar diferentes ângulos, ela fazia e eu precisava abstrair de todas as ineficácias digitais para supor o que ela estava fazendo, pra daí dar algum direcionamento. Esse problema enfrentei novamente um mês antes da pandemia pois um rapaz de Bauru quis começar a fazer aulas, também do zero.

A forma como eu ensinava era produto do empirismo, reproduzindo como professor o que eu desfrutei como aluno; sem qualquer reflexão profunda a respeito da produtividade ou eficácia das abordagens que eu usava. Depois de aprender o básico na igreja, cinco anos depois

entrei no Conservatório de Guarulhos, onde comecei a entender um pouco da pedagogia e bastante de técnica de verdade. Prossegui meus estudos na Escola Municipal de Música de SP e depois na USP cursando Bacharelado em viola e depois Licenciatura, nesse meio tempo sendo violista em diversas orquestras jovens. Isso só foi mudar mais de um ano após eu assumir que minha profissão era professor de violino e viola, e não um violista de orquestra que dava aulas para completar a renda — como a maioria dos colegas tratam o trabalho de professor. Comecei a divulgar meu trabalho nas redes, conheci e revi vários colegas e seus trabalhos e me dei conta que precisava me qualificar tanto do ponto de vista comercial como técnico. Levou quase dois anos para eu atingir o que eu almejava como um bom ponto inicial: ter uma metodologia clara de abordagem a iniciantes adultos.

Quando comecei a estudar a metodologia Suzuki e os porquês de cada coisa, como e quando abordar, comecei a tentar adotar imediatamente, porque aquelas ideias solucionavam problemas que costumava aparecer mais pra frente, mas a metodologia já havia pensado numa melhor ordem pra resolver cada uma das dificuldades. Levou um tempo eu aplicando com dezenas de alunos para que eu conseguisse me apropriar efetivamente da metodologia, imprimindo minha própria identidade, opiniões e ideias.

E essa reforma na minha técnica como professor eu usei inicialmente para o ensino assíncrono, pois os alunos presenciais que eu já possuía não eram iniciantes; quando estes começaram a surgir, apliquei a mesma abordagem no ensino presencial, obtendo resultados altamente eficazes. Nesse meio tempo, comecei a dar aulas presenciais numa escola perto de casa, mas usavam outro método e, portanto, outra metodologia. Eu entrava em atrito pois sabia que um bom desenvolvimento do aluno dá-se pelo domínio de cada habilidade, como subir e descer o arco corretamente sobre a corda, em vez de pular esse aprendizado como já concluído e ir para a parte de tocar uma música, que é o desejo comum dos donos de escola de música: logo mostrar um resultado para os alunos e pais. Acabei saindo da escola para somente poder experimentar e testar o que eu havia aprendido, sem ter de trabalhar com uma metodologia que não fazia sentido para mim.

A transição do presencial para o assíncrono aconteceu, como também com muitos colegas, forçadamente em razão da pandemia de Covid-19 em meados de março de 2020. Naquela época eu tinha alguns alunos presenciais e um por videochamada; com as restrições de trânsito, migrei para o online.

Como acompanhava o trabalho pioneiro do Jean de Oliveira há muitos anos, que dá aulas assíncronas desde 2017, tendo iniciado a divulgação do seu trabalho no YouTube em 2012 tocando músicas conhecidas, vi quando ele anunciou o curso onde ele compartilhava seus

aprendizados com os colegas, forçados a migrar imediatamente para o online. Nesse ano de 2017, abriu uma turma de cerca de 80 pessoas que atendia no formato assíncrono.

Quando ele compartilhou suas experiências num curso chamado *Professor de música home office* ainda em março de 2020, dois meses depois de eu ter me assumido como professor profissional, eu imediatamente incorporei as técnicas aprendidas: aulas assíncronas, uso dos softwares recomendados, manejo dos equipamentos eletrônicos, masterclasses virtuais, como fazer videochamadas, e formas de receber o pagamento dos alunos. Ele explicou por que passou a usar o assíncrono: no síncrono, tinha problemas de conexão, de qualidade de som, imagem ruim da câmera do aluno, de travamento de imagem. Quando trocou para o assíncrono, mitigou a maioria dos problemas: a imagem do vídeo não era tão comprimida, o som era uma qualidade muito maior, a imagem não trava.

No momento de decidir o tema deste trabalho, achei que seria muito interessante tanto para quem escreve como para quem lê do que eu compartilhar o que tenho pesquisado, testado, estudado e refletido na prática nos últimos três anos. Para quem lê, vai acompanhar o meu amor por ensinar, por refletir os porquês das dificuldades e as soluções possíveis. E ônus e bônus de usar os recursos digitais nesse aprendizado, como interfere pro aluno e para o professor.

Este trabalho tem como objetivo fornecer informações relevantes sobre os desafios e oportunidades encontrados no contexto educacional em constante evolução. Ao explorar as limitações do uso da tecnologia, as adaptações metodológicas necessárias e o impacto no contato humano, pretendo compartilhar conhecimentos valiosos sobre as diferentes abordagens de ensino do violino, nas modalidades assíncrona, síncrona e presencial. Ao iluminar essas questões, busca-se oferecer perspectivas relevantes para aprimorar a prática do ensino do violino diante das demandas atuais e das mudanças tecnológicas. O intuito é fornecer uma contribuição significativa para educadores e estudantes que enfrentam os desafios de um mundo em constante transformação.

2 OBJETIVOS

O presente trabalho aborda a experiência do autor como professor de violino antes, durante a pandemia e após, tanto no formato online quanto presencial. O objetivo deste estudo é apresentar a metodologia utilizada para atender alunos nos formatos online e híbrido: presencial com suporte de videoaulas, analisando os pontos positivos e negativos dessas modalidades de ensino. Além disso, busca-se compartilhar as experiências e conclusões obtidas ao longo desse processo, a fim de propor reflexões e contribuir para o avanço do conhecimento na área do ensino do violino.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Nesse sentido, o presente trabalho teve como um dos objetivos analisar a eficácia das estratégias adotadas para o ensino do violino em cada modalidade, considerando aspectos como a qualidade do aprendizado, a interação entre professor e aluno, a adaptação de técnicas e metodologias e os desafios enfrentados. Ao abordar esses pontos, visa-se fornecer uma visão abrangente das implicações práticas e pedagógicas do ensino do violino nos formatos online e híbrido.

Além disso, este estudo tem como propósito estimular uma reflexão mais ampla sobre as transformações no ensino de música decorrentes da pandemia e das tecnologias disponíveis. Ao compartilhar experiências e conclusões pessoais, busca-se incentivar o diálogo e o desenvolvimento de novas abordagens e estratégias que possam potencializar o ensino do violino nas circunstâncias atuais.

Dessa forma, pretende-se contribuir para a formação de um corpo de conhecimento que auxilie professores, alunos e profissionais da área musical a enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades oferecidas pelos formatos de ensino online e híbrido, enriquecendo a prática do ensino do violino e promovendo uma educação musical mais abrangente, adaptável e eficaz.

Este trabalho buscou comparar as diferentes características dos seguintes modelos de ensino:

- a. síncrono sem videoaulas;
- b. somente assíncrono;
- c. somente presencial;
- d. presencial com videoaulas.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O professor é alguém habilitado a guiar o aluno no processo de aprendizado, tanto mostrando as habilidades que precisa adquirir quanto indicando como chegar até elas. Luis Otávio Santos afirma na sua tese que:

A pedagogia artesanal, caracterizada por sua natureza informal, é, portanto uma das formas mais antigas de estrutura educacional de que se tem notícia. O mecanismo pedagógico central dessa estrutura é a transmissão de conhecimento em forma de herança ou patrimônio intelectual, passado do mais velho e experiente para o mais jovem e inexperiente. Os ofícios passados de pai para filho são um exemplo contundente desse tipo de estrutura. [...] um ponto importante a ressaltar é que, na Europa, além da forma de ensino privada ou doméstica (tutorial ou familiar), todas as organizações dedicadas ao ensino se serviram da pedagogia artesanal por muitos séculos; ela é a essência do ensino da *tékhnē* (arte), seja ela “braçal”, como no caso das corporações, quanto “intelectual”, nas universidades medievais. (2011, pp. 25-27)

De acordo com Alexandra Trindade, a aprendizagem do violino ocorria de forma individualizada:

“A aprendizagem do violino e a sua origem, que remonta ao século XVI (Dilworth, 1992), fez-se individualmente de “mestre” para aluno, tendo-se verificado desde cedo a procura dos grandes intérpretes da época por parte de jovens violinistas que ambicionavam adquirir os segredos desta arte.” (2010, p. 2)

Em relação a interação aluno/professor e sobre o processo de aprendizagem, Trindade, descreve que:

O pilar das aulas individuais de instrumento é a interação professor/aluno. Essencialmente práticas, é usado o método activo, expositivo e interrogativo: o professor exemplifica o modo de execução e justificá-lo, o aluno inicia um processo de compreensão e aprendizagem, e gradualmente tenta executá-lo segundo as orientações do seu professor; consoante as dificuldades de cada aluno, o professor deverá procurar soluções tendo em vista as competências a desenvolver. (2010, p.2)

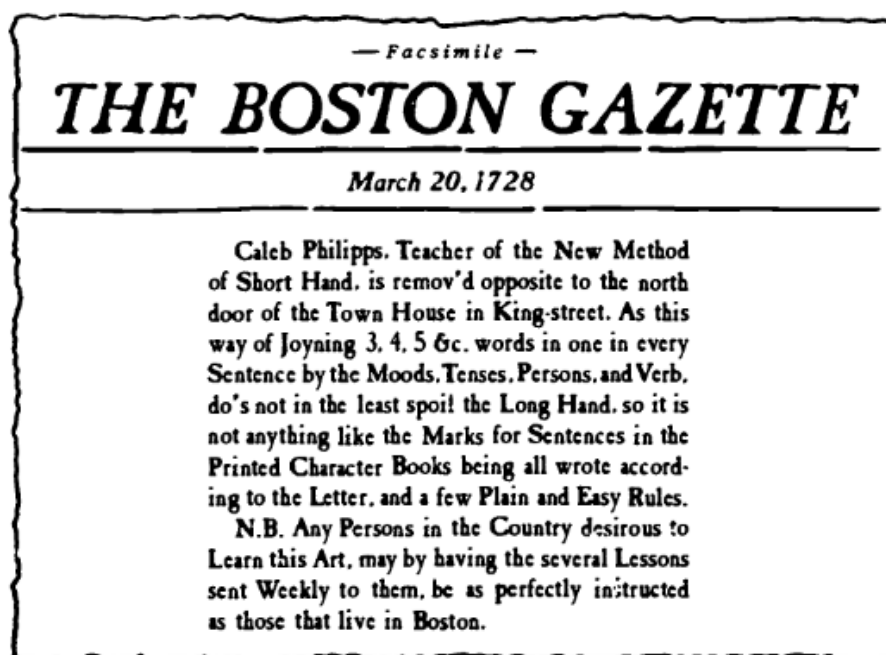
O ensino presencial de instrumento era a única opção até há não muito tempo: a invenção da escrita e posteriormente a escrita musical permitiram que as obras atravessassem fronteiras sem a presença física do criador do exercício ou da música. Essa era a matéria prima do ensino a distância. Segundo Peters, foi o apóstolo cristão Paulo quem primeiro se utilizou dela:

As primeiras experiências em educação a distância foram singulares e isoladas. No entanto, já eram de profunda importância para as pessoas implicadas, porque o conteúdo era a religião e a controvérsia religiosa, que eram levadas muito a sério naquela época. Estou me referindo aqui a São Paulo, que escreveu suas famosas epístolas a fim de ensinar às comunidades cristãs da Ásia Menor como viver como cristãos em um ambiente desfavorável. Ele usou as tecnologias da escrita e dos meios de transporte a fim de fazer seu trabalho missionário sem ser forçado a viajar. (PETERS, 2012, p. 29)

Mas a estruturação como um curso no formato conhecido como “ensino por correspondência” se deu pela primeira vez, segundo as mais recentes pesquisas, em 1728, como a professora Lúcia Guarany fala em seu trabalho:

O surgimento do ensino por correspondência data de 1728 nos Estados Unidos com Caleb Phillips, que em 20 de março deste ano coloca um anúncio na Gazeta de Boston intitulando-se “Professor do novo método de taquigrafia” e oferece a “qualquer pessoa no país desejosa de aprender esta arte” numerosas lições enviadas pelo correio que lhes permitirão “ser tão perfeitamente instruídas como se vivessem em Boston”. (GUARANY, 1979 p.5 Apud KATZ 1973).

Segue o recorte de jornal:



(KATZ, 1973, p.6)

Nos séculos seguintes, essa era a única forma de um curso a distância: por correspondência. Mas até os últimos anos não tínhamos real possibilidade de estudar o instrumento sem a presença física do professor e do aluno no mesmo espaço. Podíamos usar um “método” novo, com o conhecimento já acumulado e algum texto de comentário no volume, o professor podia depreender como e para que serviam aqueles exercícios. Sem o contato mais íntimo com as motivações daquela criação, podia-se muito bem não passar de mera conjectura. Sobre o surgimento dos métodos, Alexandra Trindade conta que:

Segundo Stowell (2001), o primeiro método específico para violino foi escrito por John Lenton (c.1657-1719), em Londres, remonta a 1693, e intitula-se *The Gentleman's Diversion, or The Violin Explained*. Embora se constatasse a escrita de tratados musicais que por vezes incluíam capítulos específicos dedicados ao violino sobretudo num contexto amador, o primeiro livro com um carácter mais profissional viria a ser escrito pelo violinista e compositor italiano que desde cedo se deslocou para Londres, Francesco Geminiani (1687-1762), *Art of Playing on the Violin*, em 1751. Discípulo de Corelli, Geminiani explorou princípios técnicos e adicionou uma grande variedade de exemplos ilustrativos como objecto de estudo. Tartini (1692-1770), durante a sua estadia em Pádua, fundou a escola de instrução em violino (c.1727), “Escola das Nações”, onde desenvolveu um programa para jovens violinistas (McVeigh, 1992).⁵ *Principles du Violon de L'abbé le fils* (1727-1803), publicado em 1761, é também um completo método que veio confirmar que Paris e a escola Francesa de violino estavam em clara ascensão. Porém, seria em 1765, na cidade de Augsburg, que surgiria o mais influente e significativo tratado *Versuch einer Gründlichen Violinschule* (Tratado sobre os princípios fundamentais para tocar violino) de Leopold Mozart (1719-1787) (Trindade, 2010, p.3)

Aula presencial é aquela feita num espaço físico sem o uso de tecnologias digitais como intermédio, embora possa ser utilizada como suporte em outros contextos. No online, mesmo que corrijamos as dificuldades mais severas de qualidade de imagem e som e surgir a possibilidade real de fazer música simultaneamente, diversos problemas se mantêm:

- a impossibilidade de ver por diversos ângulos;
- o professor poder experimentar no instrumento do aluno para entender se a limitação é do instrumentista ou do instrumento;
- poder tocar no dedo do aluno, mão, punho, pra mostrar algo (e vice versa);
- a limitação de percepção que existe tanto visualmente quanto acusticamente por uma tela plana 2D e um som captado por um microfone e reproduzido, na melhor das hipóteses, por um fone de ouvido profissional.

Os problemas técnicos são estes, mas também existem outros menos óbvios que podem apresentar algumas vantagens. Um deles é o processo de ir até a sala de aula do professor, saindo de casa, percorrendo o trajeto, entrando no prédio e finalmente adentrando a sala de aula dedicada exclusivamente ao aprendizado. É todo um ritual até começar, leva tempo, demanda energia e envolve gastos com deslocamento. Tudo isso se perde no ensino online, que é projetado para ser eficiente no ensino técnico, além de ser mais barato e acessível. A principal vantagem do ensino online é a eliminação da necessidade de deslocamento físico, o que até pode ser considerado uma perda quando comparado com a aula presencial, haja vista os elementos levantados anteriormente.

A obrigação de ir presencialmente até a sala do professor pode ser um incômodo para os habitantes de São Paulo em 2023, que facilmente perderiam duas horas do dia apenas no trajeto de ida e volta para uma aula de uma hora. Uma videochamada reduziria esse tempo de deslocamento para apenas alguns minutos, bastando ligar o computador, conectar os fones de ouvido ao celular e apoiá-lo em um tripé. No entanto, é importante lembrar que o mundo não se resume à megalópole de quase 20 milhões de habitantes. Para uma pessoa que deseja estudar com um professor que mora a 2000 km de distância, seria necessário viajar até lá, reservar vários dias para essa viagem e arcar com os gastos envolvidos. Essa possibilidade pode ser viável para alguns, mas é financeiramente inviável para a maioria das pessoas.

Nesse sentido, o ensino online reduz essa distância física e se torna uma alternativa viável. Ele atende não apenas aos paulistanos que buscam evitar o trânsito cada vez mais intenso e imobilidade, mas também aos habitantes de cidades isoladas, além de permitir que habitantes da cidade de São Paulo estudem com professores do Rio de Janeiro ou Recife, sem precisar sair de suas cidades natais.

Até a popularização da internet, assistir remotamente a uma masterclass sem ser pela televisão aberta ou fechada exigia a compra de uma fita VHS ou um DVD, geralmente do exterior — com uma longa espera e tributação, meses de espera ainda hoje são comuns. Após o surgimento da internet e antes da popularização dos *streamings*, a solução era a pirataria em sites de compartilhamento por *torrents*, por exemplo. Já hoje, com a velocidade atual de internet temos, a poucos cliques de distância, acesso a masterclasses de renomados violinistas como Itzhak Perlman, Gil Shaham, Hilary Hahn e outros.

As possibilidades que a internet trouxe são tão grandes que mudaram o ensino de forma mundial. Embora o ensino a distância exista antes da internet, podemos dizer que esta o potencializou enormemente. Ainda antes da era da banda larga, por texto conseguíamos transmitir quase instantaneamente o que antes levava dias numa carta¹, a partir de então podíamos formar relações através de fóruns, aprender em blogs e descobrir que em determinado livro tinha uma informação que faria uma grande diferença. Antes disso, um *insight* desses somente numa aula ou palestra presencial. Como disse Daniel Gohn: “[...] Desde o final do século XX, quando a acentuada disseminação da internet comercial facilitou novos meios para a educação a distância (EAD), os recursos tecnológicos usados para aulas de instrumentos musicais nessa modalidade têm sido investigados [...]” (GOHN, 2020, p.154).

Como o aluno não precisa se deslocar presencialmente até o professor, não despende nem tempo nem dinheiro extra para o trajeto - um equipamento eletrônico e/ou internet mais veloz já cumpririam a acessibilidade necessária para conectar professor e aluno, tornando a experiência mais descomplicada.

Um amigo professor de violino, Jean de Oliveira, criador do canal do YouTube *Violino didático*, tentou em 2016 oferecer aulas online por videochamada, mas se deparava com tantos problemas que a solução encontrada foi gravar uma sequência de videoaulas baseada na metodologia Suzuki, com aulas curtas e com poucas informações novas. Ele assiste aos alunos fazendo as atividades e reage ao vídeo, apontando objetivamente os erros, acertos e pontos de melhoria de cada estudante. A resposta costuma ficar abaixo de 5 minutos. Fazendo assim, é possível atender vários alunos por hora, o que seria impensável por videochamada.

Quanto mais fácil acesso à informação, menos valor ela pode ter. Harnoncourt fala no primeiro capítulo do seu livro *O discurso dos sons* como a nossa relação com a música 40 anos atrás já era diferente da relação na era pré gravação:

Da Idade Média à Revolução Francesa, a música sempre foi um dos pilares da nossa cultura, de nossa vida. Compreendê-la fazia parte da cultura geral. Hoje, no entanto, ela se tornou um simples ornamento que permite preencher noites vazias com idas a concertos ou óperas, organizar festividades públicas, [...] espantar ou enriquecer o silêncio criado pela solidão. Onde o paradoxo: ouvimos, atualmente, muito mais música do que antes - quase ininterruptamente - mas esta, na prática, representa bem

pouco, possuindo não mais que uma mera função decorativa. (HARNONCOURT, 1982, p.13).

Apesar do texto ser datado de 1982, Harnoncourt traz uma realidade ainda mais aprofundada nos dias atuais: se o rádio já trazia o acesso facilitado a conteúdos de diversos tipos musicais, as plataformas digitais como o Youtube, Spotify, Deezer, dentre outras, trazem hoje esse acesso cada vez mais amplificado e a custo zero a seus usuários.

Com isso, a percepção de que o aprendizado pode estar a um clique de distância tira do ensino de música a ideia de exclusividade e formalidade que impactam na formação do preço a ser cobrado por esse tipo de aprendizado.

Por exemplo: quando uma pessoa chega a um estúdio de ensino de um instrumento, se depara com uma sala equipada para tal, assentos adequados, alguma estrutura anfitriã como água, café, ela é capaz de enxergar o custo que manter toda essa infraestrutura tem. Consequentemente, ela consegue estabelecer uma relação de que o valor do curso oferecido estava atrelado não apenas à qualidade do ensino, mas também à manutenção do espaço.

No online se enxerga muito menos todos esses gastos, além dos equipamentos extras para uma aula online, gastos que não haveriam se o professor desse apenas aula presencial. Mas não basta ter o equipamento, é preciso saber operar e saber adaptar a aula para esse formato. Mas se a pessoa pode abrir gratuitamente um vídeo na internet com aula de um importante professor, ela pode usar o mesmo equipamento para participar da aula virtual, parece que a aula online teria muito menos valor.

Somado à facilidade de acesso, que é uma questão mais psicossocial, soma-se à falta de imersão sensorial dos aparelhos digitais, uma questão que deve estar parcialmente dirimida nas próximas décadas.

4 ESTUDO DE CASO

4.1 METODOLOGIA DO CURSO MINISTRADO PELO AUTOR

A metodologia que serve de base para a estruturação do curso de instrumento é a Suzuki, com algumas alterações que explicarei brevemente a seguir.

Um dos princípios do Suzuki é a repetição por imitação, o aluno ouvindo uma referência e recebendo orientações de como reproduzir aquele exercício, tendo a memória do que acabou de ouvir como um ideal a ser atingido.

As vantagens são:

1. não precisar saber ler partitura;
2. não ser obrigado a ler enquanto toca;

Sobre o primeiro ponto, podemos trabalhar a percepção separadamente da leitura, exigindo uma excelência na execução sem necessariamente a pessoa estar buscando ser fiel à escrita, mas à imagem mental do som; e, para isso, o conceito é muito mais profundo do que a mera busca para obedecer, o ritmo é vivo, concreto, e não um meio, é já o fim: o som.

Também economizamos tempo sem a premissa de primeiro aprender a ler e só depois dedicar energia a aplicar no instrumento, uma realidade muito comum no aprendizado nas igrejas evangélicas. Como no aprendizado da língua, primeiro aprendemos a falar, depois a escrever e só depois a gramática; a metodologia Suzuki tem isso como um de seus princípios. Não usar partitura no começo dos estudos dá a liberdade de colocar os olhos e, conseqüentemente, a atenção, no instrumento e no corpo:

“Normalmente a aprendizagem da leitura da música é preterida em favor do desenvolvimento mecânico do músico instrumentalista. É essa a razão porque muitos adultos, em vez de lerem música como quem lê um livro, lêem-na soletrando nota por nota. Por outras palavras, não dominam a música, embora possam dominar o instrumento. Este aspecto é extremamente grave, na medida em que a música executada por estes instrumentistas tem, como ponto de partida, o instrumento e não a prévia compreensão do texto musical a ser executado (...) Vem isto a propósito da metodologia aplicada no ensino e aprendizagem da música e, ao referir atrás, um aspecto negativo dessa metodologia, faço-o na esperança de que quem ler estas linhas se aplique a inverter essa mesma metodologia.” (Álvaro Cassuto citado em Sousa, 1999, p. 53).

Ao termos uma partitura diante de nós — na experiência do autor como músico de orquestra e também como professor de alunos que tocam lendo —, o instinto é uma certa dormência na atenção pelo conforto de ter o “mapa” diante de si, vários detalhes da partitura passam despercebidos porque estamos só seguindo as “bolinhas”: dinâmica, precisão rítmica, precisão na afinação, construção de frase, intencionalidade de articulação; tudo isso fica secundário. Talvez porque como se podem escrever muitas informações, se você não ler uma dessas informações, não tem a iniciativa de fazer. Mas tocar sem partitura é diferente: ao não ter o papel, recorre-se obrigatoriamente à mente, à imagem mental, à memória de como deve soar. Obrigamo-nos a construir uma imagem mental mais sólida, a gente vai se agarrando em referências, criamos alguma forma da música na mente, memória muscular de como é tocar aquilo. Quando o nosso corpo executa diferente, logo percebemos. Já ao seguir a partitura, sempre tem aquilo de “estou tentando fazer o que tá aqui”, sem nos apropriarmos da música por trás do papel.

As adaptações que fiz são:

- de preparar o conteúdo precedente ao uso da mão esquerda;
- dividir as dificuldades dentro de uma música em vários vídeos passo a passo, ou separando as partes da música, ou uma dificuldade em específico, como mudança de corda: que nesse caso teria

- a) um vídeo só treinando a mudança;
- b) depois outro inserindo essa dificuldade num trecho da música;
- c) depois outro com o pedaço faltante da música;
- d) e outro vídeo para tocar a música toda inserindo outra camada de interpretação, como dinâmica, p.ex..

As principais dificuldades gerais no início da aprendizagem do violino são a postura estática manter o crânio alinhado ao cóccix, pega de arco com flexibilidade de todos os dedos, manter alinhamento dos ombros ao resto do corpo e sem suspendê-los, os gestos essenciais — movimento do braço direito, fôrma de mão esquerda e caída dos dedos: a afinação, ou o bom posicionamento dos dedos, é o cume de algo que começa com a posição correta do braço, numa abertura “de cotovelo” correta, supinação quase máxima do antebraço, punho reto e dedos curvos, sendo que o afastamento individual dos dedos — quando precisa aumentar a distância entre os dedos indicador e anelar, p.ex. — deve preferencialmente ser buscado pelo afastamento dos nós dos dedos, a articulação das falanges proximais com as mediais; coordenar para que o polegar esquerdo trabalhe com o mínimo de tensão possível sempre, enquanto que a tendência é o oposto em quase todos os violinistas.

Ensinar o corpo essa coordenação motora leva tempo, exige uma grande quantidade de repetições corretas, mais facilmente realizadas se orientadas e acompanhadas pelo professor. Os primeiros módulos do meu curso são dedicados a sedimentar esse repertório gestual, que leva meses pra um aluno aprender, independente da facilidade ou dedicação.

4.2 DESCRIÇÃO DOS MODELOS DE AULA

Uma aula presencial minha é sempre individual e tem duração de 50 minutos e acontece semanalmente ou quinzenalmente, a depender da disponibilidade do aluno. Sempre individual — com uma exceção caso algum aluno chegue antes do seu horário, durante a aula de outro, ou queira ficar para assistir à aula do próximo.

Como temos no mínimo 50 minutos, vou utilizando o tempo para ouvir o que o aluno preparou durante a semana, pergunto como foram os estudos para entender se há uma distância entre o que ele estudou e o que resultou, e com que ouvidos ouvirei o que ele tem a tocar. Se se dedicou muito e soa mal ou se dedicou pouco e soa igualmente mal, tem diferença nas soluções que lhe proporei.

No caso de alunos adultos que aprendem por hobby — 93% dos meus alunos hoje —, aquele momento é para sair da rotina do dia a dia, realizar um sonho ou fazer parte de um grupo amador. Para alguns, a aula pode não ser necessariamente suave e unicamente recreativa, pode

ser de muito foco e organização, como muitos o fazem; ou pode ser para uma conversa leve e depois o aluno toca a atividade correspondente.

Tanto os alunos do formato assíncrono como os presenciais têm à sua disposição as videoaulas, que são conteúdos que preparo previamente: escrevo algum roteiro e presumo que há também um material de apoio — como um texto de check-list, explicações do que está sendo trabalhando e/ou vídeos prévios aprofundando a explicação de determinado conceito que o autor usa como apoio para avançar em algo. Em paralelo às videoaulas, usa áudios de acompanhamento, o aluno toca junto de gravações para ter mais noção da pulsação da música, ritmo e também a afinação dos dedos. Nem toda atividade tem áudio exclusivo porque não tinha ideia da importância, no quanto ajuda, e também porque o autor não sabia bem como fazer inicialmente. Mas com a experiência de mais de 10 alunos iniciados por essas videoaulas, o autor tem uma ideia mais clara de como fazer esses acompanhamentos futuramente.

O *feedback* desempenha um papel fundamental nesse processo, uma vez que o autor não tem o benefício de interrupções na explicação ou das expressões de dúvida dos alunos em tempo real. Por isso, evito utilizar digressões prolongadas nos vídeos de instrução, pois isso pode desviar o foco do aluno. O objetivo principal dos vídeos é fornecer uma explicação clara e direta sobre uma atividade específica. No entanto, em vídeos menos práticos, que são frequentes ao começar um novo módulo, apresentando novas dificuldades ou músicas, o autor pode se permitir explorar tópicos secundários com maior profundidade. É importante garantir, no planejamento, que os alunos permaneçam engajados e concentrados ao assistirem às videoaulas. Dessa forma, um planejamento cuidadoso do roteiro é necessário para manter a concisão, evitando distrações e proporcionando uma experiência de aprendizagem mais eficaz.

Existe uma sequência de aulas que faz sentido, pois as habilidades são cumulativas, pelo menos no início. São abordados diversos tópicos, como a postura do corpo, o processo de apoiar o instrumento no corpo, como pegar o arco e como movimentar o braço e arco sobre as cordas. A maioria das aulas possui uma duração entre 2 e 15 minutos, focando em explicar brevemente um conceito e demonstrar sua execução, transmitindo apenas informações essenciais para que o aluno possa absorver o máximo e repetir o exercício em casa apenas com base no vídeo. Se o professor mencionar muitos aspectos ou fizer digressões, a atenção do aluno se dispersa e pode ser difícil para ele acompanhar o conteúdo, especialmente se estiver em um ambiente distraído ou se não estiver totalmente dedicado à aula. É importante considerar que, para um interlocutor que está tendo contato pela primeira vez com o conteúdo, a sobrecarga de informações pode dificultar o processo de aprendizado.

Combinado com as videoaulas, o professor dá suporte por WhatsApp, que o aluno envia vídeos tocando e assiste e ele responde com uma orientação, seja por texto ou mesmo grava um vídeo dedicado a analisar a performance. Também pede que os alunos enviem o vídeo por link do YouTube, assim:

1. não ocupa espaço nos celulares de ambos;
2. o vídeo não expira;
3. a qualidade não fica reduzida;
4. é mais fácil para o professor operar e mostrar o vídeo no *react* caso precise pois o *player* do WhatsApp Web é bem limitado.

O objetivo desse suporte é que o aluno não estude de forma errada em casa. Por mais completas que pretendem ser as videoaulas, muitas vezes o aluno não faz o correto e precisa de uma “correção na rota”, ou mesmo ele acha que precisa resolver uma coisa que não é prioridade naquele estágio ou que não é aquele momento para ele adquirir aquela habilidade.

Um exemplo desse não-momento é a mobilidade dos dedos da mão direita no iniciante, que é necessário que haja uma mínima flexibilidade para o arco não correr no comprimento da corda, mas como é de coordenação motora complexa, bem fora do que se costuma exigir do corpo no dia a dia, leva-se tempo para aprender, em geral até um ano, e o estudo das outras habilidades não podem paralisar nesse ínterim, até porque pode gerar uma dor na região por esforço excessivo.

O professor poderia fazer diretamente por uma plataforma, mas isso tiraria o contato pessoal de mandar uma mensagem com a pessoa contando por que ficou daquele jeito na gravação, como está sendo seu dia a dia etc. É o mais próximo de um contato cotidiano que posso dar aos alunos online.

O autor oferece essa possibilidade aos alunos presenciais também, tanto aos semanais quanto aos quinzenais, porque pode surgir uma dúvida no vídeo, ou algo que no presencial eu falei e não tem nas videoaulas, ou ainda ele executar e eu poder analisar o vídeo do aluno.

Na aula por videochamada, devido à facilidade de uso, o Meet tem sido o software mais utilizado, seguido do Zoom. Existem outros softwares superiores, mas esbarram em alguns problemas:

1. são pagos e/ou mais caros;
2. consomem muito processamento dos gadgets utilizados, e os alunos precisariam ter gadgets potentes;

3. a utilização de plataformas diferentes pode ser mais complexa, aumentando a curva de aprendizagem para alguém que somente quer aprender a tocar violino, uma dificuldade a mais, um incômodo a mais para começar algo novo.

Os alunos presenciais desfrutam dos três primeiros recursos:

1. As aulas presenciais;
2. Videoaulas;
3. O suporte via WhatsApp;
4. A agenda virtual do aluno, onde ficam as anotações que o professor faz como orientação, em que o aluno deve focar seu esforço, a quais videoaulas deve assistir, quais os próximos passos etc. É lá também que ficam as informações do curso como pagamento, dados do professor, toda a plataforma onde estão organizadas as videoaulas, a lista de desejos das músicas que o aluno quer tocar.

4.3. MINHA EXPERIÊNCIA NAS MODALIDADES

Tanto a aula presencial quanto a por videochamada vai ocupar um espaço fixo na agenda. Por exemplo, caso o professor em 15 minutos já tenha passado a orientação técnica e ainda restam 45 minutos de aula, mesmo que não haja alguma orientação específica. Já o assíncrono permite escalonar o atendimento, isso porque concentra a aula a uma análise técnica da performance, removendo um contato mais humano, reflexões acerca dos porquês, divagações dos contextos, tudo isso em geral se remove nas aulas assíncronas porque condensamos o tempo a tocar e a analisar o resultado do ponto de vista mais prático possível. Obviamente pode-se fazer aulas mais longas, as divagações e afins, porém sem a sincronia, tudo fica mais impessoal e fazer isso remove justamente o maior ganho que um professor pode ter ao atender dessa forma: a produtividade do atendimento e do tempo. Melhor seria por videochamada, então.

Falando dessa última modalidade, é um grande auxílio ao aluno pois este não precisa se deslocar fisicamente ao espaço de aulas. A qualidade da imagem e som são as piores dentre as modalidades observadas, o professor se desgasta mais; além do tempo de preparar os equipamentos, o que não acontece no presencial. Fica clara aqui a aversão do autor a essa modalidade, preferindo a combinação de presencial com videoaulas e o professor analisar os vídeos do aluno fazendo as atividades. Adiciona-se o fato do tempo de aprendizado do manejo dessas tecnologias tanto pelo professor quanto pelo aluno:

A apropriação dessas tecnologias para fins pedagógicos requer um amplo conhecimento de suas especificidades tecnológicas e comunicacionais e que devem ser

aliadas ao conhecimento profundo das metodologias de ensino e dos processos de aprendizagem. Não é possível pensar que o simples conhecimento da maneira de uso do suporte (ligar a televisão ou o vídeo ou saber usar o computador e navegar na Internet) já qualificam o professor para a utilização desses suportes de forma pedagogicamente eficiente em atividades educacionais. (KENSKI, 2003)

Durante o ensino a distância, o autor começou a vivenciar as dificuldades tecnológicas que muitos alunos enfrentavam, mesmo com a explosão do uso das tecnologias de comunicação remota. Por exemplo, muitos tinham dificuldade em operar dispositivos, acertar o enquadramento durante videochamadas, colocar o celular ou notebook em um suporte para a câmera ficar em uma altura favorável, ajustar a distância da câmera para que partes importantes do corpo aparecessem, ter iluminação adequada e fechar janelas de onde pudesse vir algum barulho. Embora todos tenham sido forçados a aderir ao ensino a distância devido à urgência sanitária, sem preparo ou equipamentos, esses foram os problemas observados.

Durante a realização desta pesquisa, o aluno Victor compartilhou sua experiência em relação a uma única aula presencial, que só ocorreu devido a limitações tecnológicas na captação do som de sua viola recém adquirida, a qual estava produzindo um timbre estranho. Com base nos vídeos trocados anteriormente, tornou-se desafiador compreender como auxiliar o aluno a obter um som melhor do novo instrumento. Diante disso, o professor solicitou que o aluno comparecesse pessoalmente para que ele pudesse ouvir o som diretamente e também experimentar o instrumento, a fim de identificar se o problema estava relacionado ao ajuste do instrumento ou a detalhes técnicos do aluno. Essa decisão foi motivada pela percepção de que a questão sonora envolve sutilezas que são difíceis de serem avaliadas com precisão utilizando equipamentos e tecnologias convencionais em 2021. Durante a aula presencial, constatou-se que o aluno necessitava aprimorar sua produção sonora, levando à recomendação de que ele optasse por aulas presenciais, que poderiam oferecer maior eficiência em comparação às aulas assíncronas.

Nas primeiras vezes com aula por videochamada o autor se deparou com as dificuldades de transformar um ensino rico em sensações, que é o presencial, em um aprendizado semelhante num meio muito mais pobre que é o online: pobre em imagem, pobre em som, num único ângulo, com uma tela pequena, com uma câmera que é pouco sensível à luz — e que, portanto, pede sempre muito mais luz para compensar. A aula ficava meio truncada. A tecnologia é ainda bem limitada: o celular de entrada e internet por dados carrega consigo muito mais problemas do que os equipamentos mais caros e maiores, como PC com conexão à internet por cabo. Mesmo com equipamentos mais caros, não estamos livres da nossa única conexão cair por quaisquer problemas externos, como instabilidade na internet, a eletricidade oscilar, nosso equipamento não funcionar ou parar de funcionar por qualquer incompatibilidade dos múltiplos softwares e

drivers necessários para a câmera externa funcionar corretamente e conectar ao programa, ele receber o som do microfone externo e também do áudio reproduzido, como vídeos, e transmitir ou gravar tudo, a plataforma estar no ar e aceitar tudo e reproduzir corretamente. Mas isso tudo resolvido por parte do professor, que provavelmente é muito mais treinado a resolver esse problemas, esbarramos na outra ponto da aula: tudo isso pode se repetir do lado do aluno. É um sistema ainda bem frágil... A câmera precisa de muita luz para funcionar bem, o microfone capta indiscriminadamente os sons, incluindo os ruídos, e os softwares costumam “filtrar” a música como ruído, ou ainda distorce o som do instrumento ao “filtrar ruídos”. Após algum tempo durante a pandemia, os softwares criaram opções para remover esse filtro, excluindo parcialmente esse último problema.

As frequências que esses softwares de videochamadas trabalham são similares à voz falada, veja no gráfico abaixo:

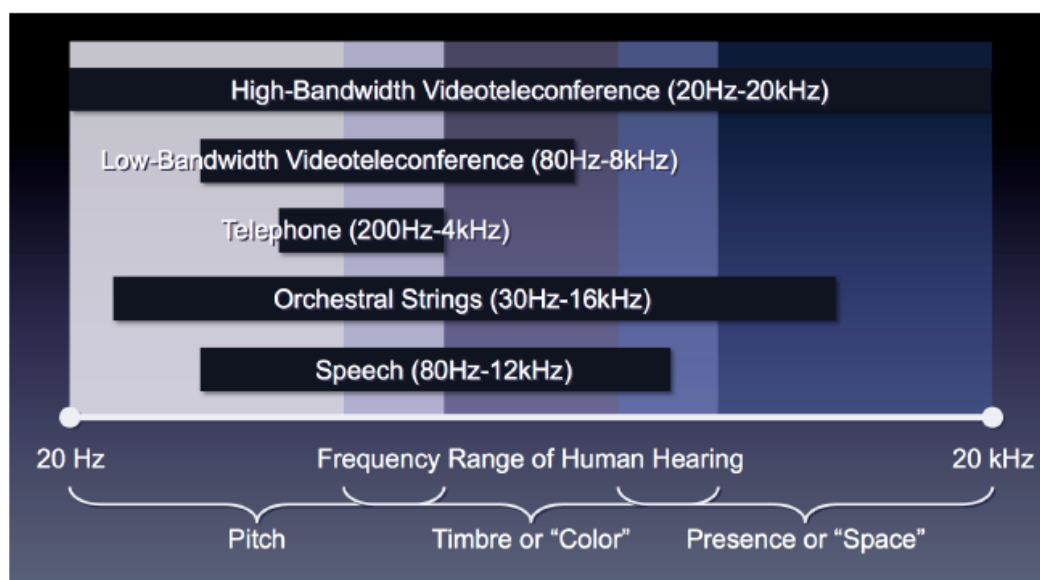


Figura 1: tabela de frequências (SHEPARD, 2012)

No rodapé da imagem vemos três regiões que se entremeiam:

- “Pitch” é a região mais grave, onde acontecem os harmônicos fundamentais, a região mais responsável pela afinação/sensação de altura da nota;
- “timbre ou cor [do som]” é essa região mais aguda onde ficam parte dos harmônicos — que definem o timbre;
- “presença ou espaço” é essa região bem aguda que é responsável pela sensação de espaço mais amplo ou abafado. Se removemos esses harmônicos muito agudos, o som passa a sensação de mais abafado.

No ensino assíncrono, o processo de aprendizado ocorre de forma diferente: o professor disponibiliza uma vídeo-atividade para o aluno, que treina e envia um vídeo executando a tarefa

proposta. O professor analisa o vídeo e fornece *feedback*, podendo oferecer orientações adicionais ou orientar que prossiga para a próxima atividade.

Uma das vantagens significativas dessa modalidade é a economia de tempo. O tempo gasto na gravação do vídeo de instrução e na visualização do vídeo do aluno é consideravelmente menor do que a duração convencional de uma aula presencial. Se o professor consegue fornecer um *feedback* objetivo e orientações claras, o resultado pode ser tão eficaz ou até mesmo superior ao obtido em uma videochamada. Tanto o professor quanto o aluno se beneficiam com uma orientação mais breve.

Outra vantagem decorrente desse modelo é que o professor pode gravar as instruções uma única vez e compartilhá-las com vários alunos. Isso se torna uma vantagem considerável para o professor, pois não há necessidade de repetir as mesmas explicações várias vezes. No último ano, tenho usado essa possibilidade com vários alunos presenciais, eles têm explorado bastante esse recurso, aproveitando as possibilidades, inclusive de usar os áudios de acompanhamento pra ter um estudo com parâmetro claro de afinação e de ritmo em casa.

Além disso, a qualidade do áudio e vídeo não é limitada pela compressão dos softwares de videochamada, que muitas vezes reduzem a largura de banda e afetam o processamento do dispositivo. Essa melhoria na qualidade beneficia tanto o professor quanto o aluno, proporcionando uma experiência mais enriquecedora.

Uma quarta vantagem é a possibilidade de assistir aos vídeos várias vezes para analisar detalhadamente o desempenho do aluno. Dessa forma, o professor pode identificar possíveis enganos ou dificuldades e pensar em soluções e abordagens mais eficazes para a explicação.

Por fim, a quinta e talvez mais importante vantagem é que, ao assistir a si mesmo executando a tarefa, o aluno adquire uma percepção real do que está sendo feito. Essa perspectiva objetiva permite uma compreensão mais precisa do próprio desempenho, sem as distorções causadas pela execução imediata.

Em resumo, o ensino assíncrono apresenta diversas vantagens. Além de economizar tempo e permitir o compartilhamento de instruções, oferece melhor qualidade de áudio e vídeo, possibilita uma análise detalhada do desempenho do aluno e promove uma percepção mais precisa da própria performance. Essas características contribuem para um processo de aprendizado mais eficiente e enriquecedor para ambos os envolvidos.

Logicamente temos o problema do tempo decorrido entre cada etapa: o que se resolveria talvez em minutos numa videochamada ou no presencial pode levar vários dias nesse formato.

Outra é que, com esse foco enorme, perde-se a convivência, aquele amadurecimento do aluno e conhecimento não-técnico adquiridos nas conversas “improdutivas”, que geralmente são

os momentos em que mostramos a forma de pensar a música. Com essa produtividade exacerbada, suprime-se esse aprendizado. Ainda que o professor que me inspirou esse formato — Jean de Oliveira — compense parcialmente com masterclasses online semanais, é um preço a se pagar para poder atingir de forma econômica e muito abrangente pessoas no Brasil todo.

Outro problema muito comum é que, com a possibilidade de assistir à aula e enviar quando puder, muitos acabam deixando para depois, “quando estiver mais tranquilo”, a vida não espera, o violino não é prioridade na vida de um adulto que trabalha e cuida da família, e acaba desanimando. Isso pode ser dirimido ao colocar dias fixos, mas ainda deficiente se comparado a um compromisso fixo que depende de duas pessoas no mesmo “lugar” no mesmo horário, tendo de olhar nos olhos e ter um contato simulacro do presencial.

4.4 ANÁLISE DE CASO COM ALUNOS

Entrei em contato com meus alunos para os quais ministrei aulas tanto presenciais quanto online. Alguns deles tiveram ambas as experiências, como Paulo e Rafael, que começaram pouco antes da pandemia, e Victor, que começou online mas visitou-me pessoalmente uma vez. Cristiano, um quarto aluno que mora no interior de SP, nunca teve aulas presenciais comigo, mas enviou seu depoimento depois de ver o pedido aberto que fiz nas redes sociais para todos os que já tiveram aula online de instrumento.

Paulo (26a) teve cerca de 10 aulas por assíncrono, e umas 150 presenciais (1 ano de aulas presenciais antes de chegar até mim). Já o Rafael (42a) teve umas 5 por assíncrono e umas 10 presenciais (uns dois anos de aulas presenciais antes de mim). Victor (23a) teve umas 50 aulas por assíncrono e 1 única presencial comigo (de viola, começou comigo. De saxofone, foram alguns anos de aula presencial na igreja). Cristiano (38a) teve umas 20 aulas por assíncrono comigo, e nenhuma presencial (alguns anos de aula presencial antes na igreja) e também é professor na igreja.

citado: 0=nada, 1=indiretamente, 2=diretamente, 3=claramente				
	Paulo	Rafael	Victor	Cristiano
praticidade tempo/horário	3	3	3	3
velocidade pra corrigir	3	3	3	0
contato humano	0	3	0	3
estudar na aula	1	2	0	3
interpelação (assíncrono vs pres)	3	3	0	0
estuda bem mais	3	2	0	0
tocar junto do professor	1	1	0	3

gravação é performance artificial	3	2	0	0
insegurança em se gravar	1	3	0	0
histórico evolução	0	0	3	0
qualidade som	0	2	0	0
profundidade das correções	2	0	0	0
qualidade de imagem	1	0	0	0

Analisando os depoimentos (C=Cristiano, P=Paulo, R=Rafael, V=Victor)

- todos mencionaram a praticidade no online de tempo e não precisar se deslocar para ter aula;
- Os três que tiveram aula presencial comigo (P, R e V) e que não dão aula, ambos os três também não dão aula, relataram a dificuldade como alunos de precisarem esperar o *feedback* do professor para só então corrigirem algo, enquanto no presencial isso é instantâneo;
- o aluno que se deu bem com assíncrono não se queixou da falta de contato humano (V), enquanto os outros três (C, P e R) mencionaram isso de alguma forma;
- o que dá aulas (C) mencionou a possibilidade de estudar na aula presencial, o professor orientar esse momento, no assíncrono isso não existe;
- os que tiveram várias aulas presenciais comigo (P e R) relataram a possibilidade de interpelação de algo enquanto tocam;
- os mesmos contam que estudam bem mais pois adquirem autonomia (palavras do autor), ouvem o que gravaram. Minha suposição é que tocam de forma muito mais concentrada pois o momento está sendo gravado e vai virar documento, enquanto no presencial eles têm o recurso da interpelação, e eu sei que ambos preferem o presencial pelo contato humano, embora P não tenha relatado isso no áudio.
- C menciona no presencial a possibilidade de tocar junto do professor, enquanto P e R só falam da qualidade melhor do presencial;
- para minha surpresa, (somente) esses dois que tiveram muitas aulas comigo em ambas as modalidades falam com muita clareza de uma certa superficialidade na gravação, enquanto a performance na aula presencial é mais autêntica;
- somente R relata dificuldade em se gravar por conta da timidez, lembro que P somente não gostava muito;

- V fala da vantagem do assíncrono deixar um histórico da evolução e que o presencial não tem isso pois não gravamos a aula;
- somente o profissional de áudio (R) menciona a má qualidade de som da videochamada, e envio de vídeo não tem esse problema;
- P fala que as correções no presencial são melhores, mais aprofundadas;
- ninguém menciona a má qualidade da imagem.

4.5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para surpresa do autor, constata-se que os alunos que tiveram ambas as experiências apresentam poucas reclamações em relação à qualidade do som e imagem no ambiente digital, enquanto expressam uma maior insatisfação com a falta de contato pessoal. Conforme esperado, a assincronicidade é apontada como uma queixa devido ao intervalo entre tocar e receber o *feedback*, embora também possa ser considerada uma qualidade devido às diversas possibilidades oferecidas.

1. de se gravar e ouvir;
2. de estudar com mais qualidade para enviar a gravação.

A preferência pelo presencial pode ser tanto pelo conforto sensorial, sem a limitação dos meios eletrônicos, como também por mudar completamente a dinâmica do processo de estudo e verificação dos resultados: no presencial o aluno pode estudar sem concentração e chegar à aula e só então se deparar com os problemas da sua execução, o relato muito comum em aula de “ah, mas em casa estava funcionando” permite ao autor do texto inferir essa conclusão, e o professor é que vai dizer, ele pode ficar da posição externa de somente obedecer, sem assumir a posição de autônomo nesse processo: se ele falha, pode se manter emocionalmente mais distante porque ele não está realmente sendo confrontado com suas deficiências, mas com a percepção do professor sobre sua execução. Se ele não estudou, estuda durante a aula, como disse o Cristiano, e que todos os alunos que não estudaram fazem.

No caso do assíncrono, é comum relatarem a necessidade de "estudar mais até obter um bom desempenho". No estudo presencial, o aluno pode permitir-se não atingir um desempenho ideal devido à possibilidade de menor concentração. No entanto, ao gravar-se, ele é compelido a analisar-se externamente, adquirindo uma consciência real do que está produzindo, sem contar com a supervisão do professor sobre o processo de estudo e execução. Nesse contexto, o aluno está sozinho, sem a orientação direta do professor, o que o obriga a desenvolver sua percepção e autoavaliação.

Outro fato é que, ao se gravar, ele pode assistir de forma completamente externa o que está executando, sendo liberado de produzir o som, o que em si já consome muito processamento cerebral. Enquanto se toca, moldamos nossa audição à imaginação e expectativa, ao somente ouvir, temos um contato mais impessoal com o produto do nosso trabalho.

Como seres sociais, sentimos necessidade de interagir, iniciamos o estudo no instrumento para fazer parte de um grupo ou para tocar uma música de que gostamos. Nesse processo, o ambiente é fundamental: a sala de aula, os colegas, as amizades decorrentes disso, as conversas paralelas. O presencial fomenta isso naturalmente, o online pode retirar se não for inserido por outros meios (não tem como puxar assunto depois da aula se não for em grupo, se não tiver o contato da pessoa, a noção de grupo pode se esvaír, empobrece e experiência do aprendizado. Muitos sentem falta disso, com razão. Nos depoimentos mencionaram que sentem falta do contato humano que temos na aula, das conversas pessoais, sem uma função objetiva à evolução técnica.

A observação do autor é que o aluno no presencial tende a ser mais constante, a taxa de abandono é bem menor. Já no assíncrono acaba tendo um abandono muito maior, seja porque demanda mais disciplina, porque ele se depara muito mais com suas dificuldades, exige-lhe uma maturidade maior, ou por manter um contato humano muito mais restrito, e nós, como seres sociais, acabamos sentindo essa desconexão. Um momento onde isso fica claro é que, no formato assíncrono, quando o aluno tem as dificuldades do dia a dia e estuda menos, ou mesmo se depara com um desafio maior no desenvolvimento de uma habilidade, no presencial ele se abre na aula, conta essa tristeza, o professor mostra que ele não é o único a passar por aquilo, às vezes ele mesmo já passou literalmente por aquilo, e na semana seguinte já melhorou. No assíncrono o aluno se sente mais sozinho, o professor é menos um mestre amigo e mais um orientador, um “GPS”, tanto que é recorrente ao perguntar aos alunos do assíncrono como andam os estudos, eles se queixarem de que ainda não está no nível de enviar, o que não aconteceria e, que se algo não acontecer, eles vão desanimar ante a essas dificuldades.

Então o assíncrono funciona como um filtro: porque separa apenas os mais convictos de que querem estudar — sobre o processo técnico-psicológico, e não estar no ambiente de estudo/sala/colegas —, os que menos dependem de estímulo externo e sabem se virar com videoaulas. Alguns se viraram muito bem, como o entrevistado Victor; já o Paulo pediu urgentemente que voltasse ao presencial — e nesse caso, pela percepção do autor, se tratava mais de um conforto do que ele estar necessariamente evoluindo mais devagar. Pelo que foi observado, provavelmente o Paulo teria desistido de estudar com o professor se fosse mantido o assíncrono; mas voltando ao presencial, o estudo se prolonga há três anos.

A partir dos resultados observados, constatou-se que a abordagem híbrida tem apresentado os melhores resultados. Nesse formato, os alunos têm acesso a uma ampla coleção de videoaulas que explicam detalhadamente as técnicas necessárias. Além disso, eles têm a oportunidade de enviar vídeos para receber orientações personalizadas do professor durante seus estudos. Nas aulas presenciais, os alunos contam com o acompanhamento individual do professor, que realiza análises de desempenho e toca junto com o aluno. Durante essas aulas, o professor também faz ajustes no instrumento e realiza experimentos para verificar seu funcionamento, sempre levando em consideração as necessidades específicas de cada aluno. Por outro lado, para os alunos que não conseguem estudar o suficiente, o professor faz um estudo orientado durante as aulas para garantir que eles compreendam e ensinem ao corpo os gestos corretos.

Recentemente o autor tem atendido a domicílio uma outra aluna, que tem a possibilidade financeira de ter mais de uma aula por semana. Ela estuda pouco mas assiste a muitos vídeos, tanto os do curso quanto relativos a violino. O desenvolvimento é maior do que o de outros alunos, equiparando-se a quem começou meses antes.

Os alunos nas entrevistas relataram que no assíncrono estudam mais porque gravam-se, eles veem-se, ouvem-se com uma posição externa à de quem está fazendo a ação.

A hipótese a partir desses dois dados é que **o estudo doméstico dos alunos é feito com uma qualidade menor do que o estudo na aula, com uma concentração bem mais baixa**. Na aula o professor garante que o estudo ali tenha os seguintes pontos:

1. hierarquia das habilidades, qual a prioridade?
2. encontrando onde está a dificuldade;
3. qual a origem técnica da dificuldade;
4. testamos soluções já conhecidas:
 - a. num trecho minúsculo, com 2 ou 3 notas inicialmente;
 - b. de forma muito concentrada;
 - c. com excelência;
 - d. ampliando o trecho (mas mantendo excelência sempre);
5. depois pegando de antes para ver se o “remendo” funcionou ou precisa trabalhar mais.

Mesmo os mais avançados têm dificuldade de incorporar essa qualidade de estudo. Por exemplo, quando um aluno está trabalhando escalas, acontece de distrair-se ao produzir um som desagradável e interromper a busca pela afinação correta, ele começa a tentar corrigir o som e esquece da afinação. É difícil para ele determinar se deve priorizar a mão direita ou à esquerda:

a qualidade do som ou a fôrma de mão. Mesmo que eu tenha mencionado o foco da atividade algumas vezes, eles se esquecem ou se distraem. Além disso, outra dificuldade é compreender o conceito de “excelência” em certos aspectos, como fazer o dedo cair **todas as vezes** afinado porque não reconhece quando está afinado. No trabalho sozinhos, essas são algumas das coisas que frequentemente se perdem e a excelência desaparece. Os alunos podem ficar presos em uma dificuldade, pulando de um problema para outro sem foco definido; alguns podem se irritar ou também cair em uma espiral de erros: repetindo o erro na vã esperança de uma hora acertar, sem ter controle sobre qual ajuste fazer para corrigir o problema. Cansam-se, elaboram hipóteses dos porquês dos erros, encontrando muitas vezes limitações que ou não estão relacionadas à dificuldade em si ou que não é exatamente uma dificuldade.

Na aula eu garanto que tudo isso está sendo atendido, sobretudo a hierarquia e a excelência, os problemas mais graves no estudo. Vejo que esse é um dos maiores aprendizados que tenho a passar aos alunos, talvez até mais do que meu acervo de soluções técnicas.

Reunidos aqui alguns aprendizados ao trabalhar no assíncrono:

1. o retorno em vídeo precisa ser curto, objetivo, com poucos pontos para o aluno trabalhar, senão o aluno se perde, fica sem entender qual a prioridade (até cinco minutos);
2. eventualmente fazer videochamada:
 - a. para contornar a demora que tem para resolver alguns problemas;
 - b. dar algum contato humano ao trabalho, complementando o trabalho de ser objetivo nos *feedbacks*, que é meio impessoal, curto: mantê-lo assim;
3. tentar criar um ambiente para o aluno, seja por grupos virtuais com os colegas, onde eles compartilham impressões, experiências, ideias, dores, soluções etc.;
4. se possível, os alunos montarem grupos presenciais onde toquem com outros estudantes, porque essa rotina e o grupo apoiam o estudo, o ânimo, criando um senso de uso da habilidade no instrumento, não sendo um fim em si só, mas o principal do estudo: o fazer musical.

5 CONCLUSÃO

Com base nas observações realizadas ao longo deste trabalho, constatou-se que o formato híbrido — que combina aulas presenciais, videoaulas, envio de vídeos de suas práticas para análise (permitindo que recebam feedback mesmo fora das aulas presenciais) e eventual retorno por vídeo — apresenta vantagens significativas no processo de ensino-aprendizagem.

Nas aulas presenciais, o contato direto com o mentor estimula e motiva o aluno, permitindo ao professor verificar não apenas o resultado final do estudo, mas também o processo em si. Além disso, o ambiente presencial possibilita experimentar e ajustar o instrumento do aluno, além de tocar junto para auxiliar na percepção sensorial.

Por outro lado, as videoaulas desempenham um papel complementar importante. Elas oferecem suporte ao explicar novamente as técnicas e fornecem um recurso visual que estabelece as metas e os passos a serem seguidos. Sem a presença física do professor, o aluno pode recorrer à memória e também acessar o conteúdo das videoaulas. Além disso, essas aulas fornecem um panorama claro do processo, permitindo que o aluno tenha uma visão abrangente do que está por vir.

Diante desses resultados, conclui-se que a combinação do ambiente presencial, que oferece contato humano, orientação personalizada e experimentação prática, juntamente com as videoaulas, que fornecem reforço, instruções claras e acesso contínuo ao conteúdo, proporciona um ambiente de aprendizagem mais completo e eficaz.

No entanto, é importante ressaltar que cada aluno possui suas próprias necessidades e preferências de aprendizagem. Portanto, é essencial adaptar o formato híbrido às características individuais de cada estudante, buscando oferecer um equilíbrio entre o contato pessoal e o suporte online. Ao considerar essas abordagens combinadas, os estudantes têm a oportunidade de desenvolver suas habilidades musicais de maneira mais abrangente e eficiente.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Gláucia de Andrade. O método Suzuki e o folclore brasileiro no ensino básico de violino. *Modus*, p. 42, 2007.

CORRÊA, André Garcia. MILL, Daniel Ribeiro Silva. Docência virtual em Educação Musical: um estudo sobre adequações pedagógicas para o ensino de música a distância. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 629-653, maio/ago. 2016.

CORRÊA, André Garcia. Base de conhecimento docente em educação a distância: um estudo educação musical. São Carlos, UFSCar, 2013. 136 f, Dissertação (Mestrado).

GOHN, Daniel Marcondes. Educação musical a distância: propostas para ensino e aprendizagem de percussão. Tese, USP SP, 2009.

GOHN, Daniel Marcondes. Aulas on-line de instrumentos musicais: novo paradigma em tempos de pandemia. *Revista Da Tulha*, 6(2), 152-171, 2020.

GUARANY, L.R.; CASTRO, C.M. O ensino por correspondência: uma estratégia de desenvolvimento educacional no Brasil. Brasília: IPEA/IPLAN, 1979.

HARNONCOURT, Nikolaus. O discurso dos sons: caminhos para uma nova compreensão musical. Rio de Janeiro, 1998, Jorge Zahar.

KATZ, H.H. A State of the Art Study on the Independent Private School Industry in the State of Illinois. Springfield. 1973.

KENSKI, Vani Moreira. Aprendizagem mediada pela tecnologia. *Revista diálogo educacional*, Curitiba, v. 4, n. 10, p. 47-56, set./dez. 2003.

LITTO, Fredic Michael; FORMIGA, Manuel Marcos Maciel. Educação a distância: o estado da arte. 2009. ABED, SP, Pearson education do Brasil.

NETTO, Samuel Pfromm. Telas que ensinam. Mídia e aprendizagem: do cinema ao computador.

Campinas: Editora Alínea, 2001.

PETERS, O. A educação a distância em transição: tendências e desafios. Trad. Bras. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2012.

SANTOS, Luis Otavio de Sousa. “A chave do artesão” — Um olhar sobre o paradoxo da relação mestre/aprendiz e o ensino metodizado do violino barroco. Campinas, SP, 2011.

SCHLEMMER, Eliane; GARRIDO, Susane; CALEFFI, Paula. A modalidade de educação a distância (sem distância) na Unisinos: Um novo conceito para inovação? RIED, Madri, v. 9, n. 1 e 2, p. 367-395, 2006.

SHEPARD, Brian. “The global village gets a music school.” Keynote address to the 55th College Music Society National Conference, San Diego, CA, 2012. Disponível em: <http://www.briankshepard.com/media/GlobalMusic.pdf> . Acesso em: 6 jun. 2023.

SOUSA, M. R. Metodologias do ensino da música para crianças. Gaia: Gailivro, 1999.

TRINDADE, Alexandra Sofia Monteiro da Silva. A iniciação em violino e a introdução do método Suzuki em Portugal. Dissertação, Universidade de Aveiro, 2010.

https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/professor-de-musica-home-office-aprenda-a-dar-aulas-online/J24142191W?sck=HOTMART_SITE

ANEXOS

Foi pedido aos alunos depoimento por áudio a respeito das suas experiências e sensações com as duas modalidades (online e presencial), me enviaram e a seguir temos as transcrições.

Foi parte do pedido que fosse por áudio livre, espontâneo, sem roteiro. A seguir o texto enviado ao Victor, posteriormente colado nos pedidos ao Paulo e Rafael:

“Bom dia, tudo bem? Eu precisava de uma ajuda sua, é pro meu TCC e não é meme hahaha Estou comparando o ensino de violino online com o presencial, as duas modalidades. Apesar de você ter tido apenas uma única aula presencial, acho que você deve lembrar da sensação da experiência de ter aula por envio de vídeos e o que foi o presencial. É justamente do que eu preciso. Pode gravar um áudio contando o que sentiu, o que achou melhor no presencial, o que achou pior, como era a aula online e o que não gostava, o que gostava bastante etc Preciso ter algo além do meu achismo, queria o ponto de vista dos alunos no trabalho. Pode falar bem e falar mal, não é pra elogiar, é um trabalho científico de análise da eficiência de cada uma das modalidades”

Cristiano

Boa tarde professor, tudo bem? Eu vi sua postagem lá no Insta e vou contar um pouco da minha experiência. Tive aula presencial e remota, sendo que remotamente tive duas formas: ao vivo, através de algum aplicativo como o Zoom ou mesmo pelo WhatsApp através da videochamada (alguma coisa nesse sentido), e também com essa forma que a gente manda o vídeo e recebe a resposta, que foi com o senhor, no caso.

Senti que no presencial a maior vantagem é que, se a gente tem alguma dificuldade ou se de repente não conseguiu estudar tanto naquela semana, quando você chega na aula, se o professor (que eu considero) for bom, ele vai estar ali para te atender, você vai ter aquela hora-aula ali com ele, e que você consegue de repente estudar até junto com o professor. Então, tem essa vantagem de você nem que não consiga executar alguma coisa, mas de uma forma ou outra ter aquela hora de estudo durante a aula.

No remoto já tem essa dificuldade pra estudar junto com o professor, de repente até tocar junto, já fica bem mais inviável. Mas a maior vantagem é fazer isso de forma remota, fazer da sua casa, não precisar ir até o espaço, até a aula do professor. Ou daquela outra forma você tem uma autonomia maior ainda, você consegue em qualquer tempo, [se] tem uma horinha disponível, você estudar e gravar os vídeos.

Então eu vejo que todas elas [as formas] funcionam e achei que todas foram importantes para mim, mas aí depende realmente do que o aluno quer. Eu vejo assim: se o aluno quer ser profissional, ele vai precisar... não tem como fugir de uma aula presencial, penso eu. Se é um aluno mais novo e que tem pretensões, então acho que isso acaba sendo quase impossível [imprescindível] não ter aula presencial.

Já se o aluno for mais tranquilo, tiver um hobby (que é o meu caso) ou algo assim, que não é nada profissional, então acho que funcionam bem legal as aulas remotas. Mas eu, sinceramente, no resumo, acho que era interessante ser algo misto. De tempo em tempo, acho que era legal ter uma relação com o professor presencialmente, nem que fosse de tempo em tempo.

Acho que é legal para tirar algumas dúvidas ou mesmo para manter aquele relacionamento um pouco mais forte do que só algo remoto e que vai se tornando algo muito frio. Então, acho que seria interessante talvez ter essa mistura. Mesmo numa aula que eu tava fazendo via Zoom com um professor numa época, eu fazia assim: era um mês (até foi uma escolha minha) durante um mês eu tinha aula presencial e as demais eu fazia remotamente. Achei que funcionou legal.

É isso aí, professor. Qualquer coisa, me fala se precisar de mais algum tipo de informação que eu possa ajudar. Estou à disposição. Abraço.

Paulo Calvo

Bom, primeiramente eu vou iniciar o meu depoimento falando a respeito do ensino remoto, qual foi a minha experiência [com ela]. Durante a pandemia, eu tive a oportunidade de realizar o ensino remoto por aproximadamente um ano, eu acredito. Eu vou separar esse depoimento em relação ao ensino remoto nas partes de vantagens e desvantagens. Acredito que dessa forma vai ficar mais didático e palpável.

Em relação às vantagens, é que através do ensino remoto eu tenho a minha própria disponibilidade de tempo, e principalmente com a pandemia, foi o principal fator. Eu tinha uma janela de horário — para poder estudar — muito maior; e eu podia me comunicar com o professor para poder mandar os vídeos no horário que eu achava mais conveniente. Não precisava ficar muito atrelado a chegar em um determinado dia e ter que ter preparado um determinado estudo que já estávamos praticando.

A desvantagem é que, para mim, **no ensino online eu não tinha um acompanhamento... uma abordagem mais precisa, “olha você precisa melhorar isso, aquilo, é uma questão de postura**, de gesto. Olha, a arcada é assim, a dinâmica é desse jeito”. Por que eu digo isso?

No ensino online você tem a possibilidade de regravar o vídeo até que ele fique numa consistência que você ache suficiente para poder enviar para o professor. Então, a probabilidade de você maquiarmos um erro ou de você estudar determinado pedaço tanto que naquela hora sai bom, naquele momento que você gravou você acertou, mas nas outras cinquenta vezes para trás você errou e, se você for fazer de novo, você também vai errar; naquele momento é o que vai valer e você vai enviar. Então, é uma possibilidade de você não adquirir tanto conhecimento e estudo e corrigir um erro de uma maneira que é feita em relação ao presencial.

Em relação ao ensino presencial, é onde a modalidade a qual eu tenho maior preferência, em relação às vantagens, são inúmeras, mas eu vou citar as principais, que é um acompanhamento na hora, se eu tô executando uma lição e chega um determinado pedaço, um determinado tempo, eu falo “olha, daqui [pra frente] eu não sei mais”. Então, eu tenho a possibilidade de fazer uma correção momentânea. “Olha, naquele momento, você precisa trabalhar esse gesto, você precisa trabalhar essa dinâmica”.

A parte de desvantagem é que eu tenho que ter um ciclo de estudos mais ligados mais a ter, chegar num determinado dia e ter que apresentar um determinado estudo. Eu tenho que ter uma consistência de estudo e se você tem uma janela mais apertada que não te permite isso, pode ser um fator que vai se tornar um empecilho ao longo do tempo.

Rafael Ramalho

Olá, meu nome é Rafael Ramalho, eu já fiz aula com o professor Rodrigo Marin e a respeito da diferença que eu senti das aulas presenciais, online: a gravação de vídeo, e videochamada.

[senti] Principalmente a questão da — parece óbvio — presença, porque a presença do professor tá ali, tá me vendo dá a sensação de que eu tô sendo mais observado e por isso que eu gosto mais das aulas presenciais do que das aulas online.

Porque eu não sei como é para o professor, não posso dizer como que é pra ele, se ele tá vendo, se ele não tá vendo e tal, mas eu sei que assim, os feedbacks que eu recebo em aula presencial são muito mais detalhados, sabe? Muito mais detalhado de postura, muito mais detalhado de até de respiração, de relaxamento e coisas que, assim, tinha no online e tal, mas me parece que o online tem aqueles ruídos sonoros.

Principalmente na videochamada e na época que eu fazia videochamada não tinha aquela coisa da supressão do som, eu não conhecia e aí ficava aquela coisa do ouviu ou não ouviu e ficava meio embaralhado o negócio e eu não eu não curtia muito fazia aula por videochamada na época. Hoje em dia a gente faz por celular, é importante porque vai adaptando com a questão do horário, vai adaptando com várias coisas, mas a presença, estar diante de alguém é bem importante, né? Inclusive psicologicamente, até o estudo eu acho que pra mim fazia a diferença saber que eu ia tá diante do professor ou o professor está ali me observando de perto. Acho que até no estudo fazia essa diferença.

Uma outra coisa que eu fazia, isso principalmente com o Rodrigo. Uma vez eu... hoje em dia eu faço, mas

são trechinhos de peça e tal, mas eu gravei uma uma peça inteira e ele postou num canal privado com resultados da... com feedbacks, né? Mostrando onde poderia melhorar, trazendo pontos e tal. Eu achei isso bem interessante só que esbarra naquela coisa do “poxa vou gravar um vídeo e aí eu não sei se ficou bom ou se não ficou” e aí fica bem... esbarrou muito na questão de timidez, na questão de várias outras questões psicológicas aí.

Eu na época eu não me sentia muito à vontade em gravar, mas o gravar é uma coisa legal porque quando você grava — por causa dessa insegurança — [você pensa] “ah, isso não ficou bom, vou gravar de novo, isso não ficou bom, vou gravar de novo” e **aí o que acontece é que você acaba estudando**. Eu acabava estudando: vou repetir, eu vou gravar, eu vou tentar fazer isso melhor e a gente vai entregar aquilo que é o máximo que a gente pode fazer até aquele momento e aí como a gente pode fazer o máximo até aquele momento que ele vai trazer de resultado, **vai ser sempre uma coisa que a gente não estava esperando**.

Porque os erros, assim, a maioria a gente já sabe e aqueles que a gente já sabe a gente tenta melhorar, a gente tenta corrigir, a gente vai dar o nosso melhor mas aquilo que ele vai observar daquilo que a gente é além do nosso esforço é aquilo que a gente não estava esperando.

Então ele vai olhar uma posição dum dedo, vai olhar como é que tá o braço, aquelas coisas do relaxamento, **aquelas coisas toda que falei no presencial acabava rolando isso também na gravação** por entregar um negócio um pouco mais limpo do que no ao vivo, sabe?

Porque o ao vivo é uma vez só e tem toda aquela insegurança do ao vivo também, **ao mesmo tempo que dá segurança saber que alguém tá te vendo, você se sente um pouco menos pressionado quando você tá gravando** e aí você vai repetir, repetir, repetir, repetir.

Então eu achei muito legal esse negócio da gravação, só que esbarra na coisa da timidez de gravar também. (Então dá problema, uns negócio em um, uma coisa esbarrando em outra).

Mas eu achei muito legal essa essa coisa do **feedback por vídeo** por causa disso. **O único problema** que eu achei disso é que, por exemplo, **quando ele fazia uma observação** que tava gravado, **eu não tinha como testar na hora** [se funcionava a solução] e ver na hora, por exemplo, “ah, faz isso assim que aí melhora” e aí eu até fazia, eu tinha uma noção de que “ah, tá, foi diferente, mas vou mostrar na hora pra ele ali”, aquela interação... eu acho que acabava não acontecendo.

Então tudo tem seus prós e contras e eu achei bem interessante essas duas, essas três modalidades aí, né? Duas online e uma presencial.

Victor Genaro

Bom dia, Rodrigo. Tudo bom? e com você, certo? Vamos lá. Como eu tive uma aula somente presencial, não tem como eu te dar uma visão geral. Mas vamos lá, vou começar pelo online. Bom, como você sabe, eu iniciei os estudos sozinho em casa e achava que estava indo bem, né? Achava que estava indo bem em tudo, até que um amigo indicou você. Um amigo da igreja falou: “ó, tem o Rodrigo, que toca viola e ele dá umas dicas boas no canal dele no Instagram”. Eu comecei a ver seus vídeos e me interessei em fazer o curso [VDZ — viola do zero].

Aí, o que achava que estava fazendo tudo certo, estava tudo errado, tudo torto, tudo com posição totalmente errada. Então, nas aulas online que eu tive com você, foram corrigidas muitas coisas. Posição, pegada na viola, a pegada no arco... foi de grande valia. Foi muito bom ter aulas online. Aprendi bastante coisas e consegui fazer todos os exercícios. Eu gostava bastante de fazer os exercícios, e ir mandando para você, via seu feedback e acompanhando também minha evolução.

Até hoje, tenho uns vídeos guardados, do online. Coisa que no presencial não teria, porque normalmente a gente não grava no presencial. Aí, você não consegue ver a diferença da evolução. É a mesma coisa que você está acima do peso e começa a fazer exercícios, mas você não tira uma foto sua ou não tira as medidas para notar a diferença. Então, pelos vídeos que a gente tem online, às vezes eu fico olhando os vídeos passados e falo: nossa, que diferença que tive, tipo desde a primeira aula até a décima, da décima até a vigésima e assim por diante.

Em relação à aula presencial, foi muito boa também. Gostei bastante. É muito ruim a questão da distância. A distância, o tempo percorrido de um lugar até o outro. Se fosse mais próximo, seria ótimo para mim. Mas, por conta da distância, já dificulta um pouco. Teria que, no caso, pegar praticamente dois ônibus para ir ou, senão, pegar um ônibus e uma estação de trem. Ficaria um pouquinho distante para mim. Então, seria mais viável ainda o presencial [parece que quis dizer “online”].

Então, sinceramente, o que eu aprendi com você, estou levando até hoje e até o que aprendi, às vezes, repasso para um pessoal que está aprendendo ou algo do tipo. “E, meu, realmente, isso daqui é mais fácil.” Às vezes, um detalhe que nem aquele do cotovelo esquerdo, você segurando a viola, cotovelo esquerdo colocado para dentro, girando ele para facilitar mais o tocar, a posição do ombro, não ficar forçando. Muita coisa está sendo de grande valia, né? É isso.

Meu resumo do seu curso é isto, Rodrigo. Em si, prefiro o online por conta de a gente gravar o que a gente estuda, deixar aquele histórico, aquela timeline, mostrando pra nós aquela evolução. Isso é bom, né? Se gravar tocando, eu sempre me gravei tocando. Mas aqueles que não estão acostumados a esse tipo de estudo, ajuda o aluno a evoluir. Ele se gravar, ele mostrar, falar 'ó, aqui está a minha lição', sem medo. Isso é um ponto bem positivo, e a questão de não ter que enfrentar grande distância para uma aula presencial.

Claro que a aula presencial tem suas particularidades. Você consegue acertar as coisas na hora. Que nem a gente comentou na aula presencial aí. Aula presencial você consegue corrigir uma posição lá, um dedo que ficou meio torto ou algo do tipo. Você consegue já resolver na hora, mas às vezes, na aula online, às vezes tinha que mandar dois, três vídeos pra corrigir, mas corrigia também.